

## O ESTADO NOVO NO AMAZONAS: O GOLPE DE VARGAS NA IMPRENSA MANAUARA

### THE ESTADO NOVO IN AMAZONAS: THE VARGAS COUP IN THE MANAUARA PRESS



NELIAN CAIO CÂNDIDO LOBATO<sup>65</sup>

#### Resumo

No final de 1937, o presidente Getúlio Vargas deu um golpe e instaurou o Estado Novo, uma ditadura que foi encerrada apenas nos fins de 1945. Com poder em suas mãos, Vargas deu continuidade a uma série de políticas públicas que mudariam o panorama geral do Brasil. Ao mesmo tempo, a ditadura varguista perseguiu opositores, acabou com o sistema partidário brasileiro e reprimiu qualquer tentativa de protesto social. A imprensa age no campo político-ideológico e a apresentação de notícias não é apenas uma repetição dos ocorridos e registros. Ela exhibe as características de cada veículo e a forma de organização de certos acontecimentos. Ao partirmos dessa ideia, é possível compreender o posicionamento dos dois principais periódicos manauaras, o *Jornal do Commercio* e *A Tarde*, em relação ao golpe de 10 de novembro de 1937 e as políticas iniciais praticadas pelo novo regime tanto a nível nacional como estadual. Além de analisar as políticas do interventor Álvaro Maia para o Amazonas.

**Palavras-chave:** Estado Novo; Amazonas; golpe; Getúlio Vargas; imprensa.

#### Abstract

In late 1937, President Getúlio Vargas staged a coup and established the Estado Novo, a dictatorship that ended only by the end of 1945. With power in his hands, Vargas continued with a series of public policies that would change the general panorama of Brazil. At the same time, the Vargas dictatorship persecuted opponents, ended the Brazilian party system and repressed any attempt of social protest. The press acts in the political-ideological field and the presentation of news is not just a repetition of events and records. It displays the characteristics of each vehicle, and the way certain events are organized. Based on this idea, is possible to understand the position of the two main manauaras periodicals, *Jornal do Commercio* and *A Tarde*, in relation to the coup of November 10, 1937 and the initial policies practiced by the new regime at both the national and state levels. Besides analyzing the policies of the interventor Álvaro Maia for Amazonas.

**Keywords:** Estado Novo; Amazonas; coup; Getúlio Vargas; press.

---

<sup>65</sup> Graduando de História na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [nelian\\_lobato@live.com](mailto:nelian_lobato@live.com).



## Introdução

Durante o período de 1930 até 1945, o Brasil foi governado por Getúlio Vargas, candidato da oposição nas eleições de 1930, que após perder o pleito para Júlio Prestes, liderou um golpe de Estado, com apoio de diversos setores da sociedade, como oligarcas dissidentes e tenentes, que impediu a posse do presidente eleito, dando fim à “República Velha”<sup>66</sup> e o início da chamada “Era Vargas”. Dentre esses 15 anos, um dos mais marcantes para a historiografia do país foi o Estado Novo, a fase final desse período, na qual Vargas em 1937 aplicou outro golpe de Estado, instaurando uma ditadura que duraria até 1945. Esse estudo tem como objetivo analisar a repercussão do golpe do Estado Novo na imprensa manauara, destacando a atuação dos periódicos *Jornal do Commercio* e *A Tarde*, como se comportaram os jornais locais e as medidas iniciais do Estado Novo para o Amazonas. Além disso, entender a razão para a continuidade de Álvaro Maia no governo e os impactos do golpe nas classes populares de Manaus.

Segundo Maria Helena Capelato (2019), o período do Estado Novo começou a ser mais estudado após a redemocratização do país, quando historiadores mais novos voltaram a observar esse período para entender as origens do pensamento autoritário brasileiro, além de desmistificar o período que era visto como “pacífico” e “cordial”. Vários temas foram investigados, como cultura política, mundo do trabalho, formas de controle social, o papel da polícia política, formas de repressão, dentre outros. Angela de Castro Gomes (2019) explica que nas duas últimas décadas do século XX, houve uma retomada, em novas bases teóricas e metodológicas, dos estudos sobre regimes autoritários no contexto nacional e internacional. Essa revisão historiográfica alterou a forma de se pensar as relações de dominação e propunham um modelo mais sofisticado das relações entre dominante e dominado, assim como entre o Estado e a sociedade civil. O período que constituiu o Estado Novo foi um dos mais densos de nossa história republicana devido às enormes transformações ocorridas nos aspectos políticos, econômicos e culturais. Também é marcado pela ambiguidade do regime e de seu líder. Em oito anos, o Brasil experimentou uma série de novas políticas públicas ligadas ao intervencionismo estatal, algumas que até mesmo se contradiziam e disputavam espaço no aparelho estatal.

---

<sup>66</sup> O termo “República Velha” é carregado de alguns preconceitos e surge após a instalação da ditadura do “Estado Novo” e da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) com objetivo menosprezar o período republicano anterior a 1930 e de enaltecer o novo período vivido pelo país.



Em 1937 o Amazonas era governado por Álvaro Botelho Maia que chegou ao poder como interventor em 1930 e sua ascensão deve-se ao fato de que todos os governadores estaduais perderam seus cargos após o golpe de 1930, sendo designado a governar pelo próprio governo central. De acordo com Hosenildo Gato Alves (2009), como interventor no ano de 1930, Álvaro Maia procurou, ao lado do poder central, melhorar a economia, com destaque no setor de extração e exportação da borracha, além de buscar reformar setores de seu governo e do poder judiciário. A reforma no judiciário causou polêmica pelo país e culminou na exoneração do interventor amazonense em 1931.

Após isso, Maia retornaria ao poder em 1935 por meio de uma eleição, depois de um período de instabilidade no governo do estado. Por ter prestígio com Vargas, Maia permaneceu no poder depois do golpe de 1937. Esse prestígio, à medida que o Estado Novo se consolidava, só iria aumentando, ao ponto de que outros interventores reconheceram Maia alguém próximo ao presidente (ALVES, 2009). Uma das principais metas de Maia foi tentar equilibrar o orçamento estadual, ganhando força com chefes políticos municipais e se baseando em uma política assistencialista. Álvaro Maia foi de grande importância para o Estado Novo no Amazonas, suas políticas tiveram grande apoio do governo central, apoio por grandes comerciantes e a tentativa de integrar os setores mais pobres da sociedade criaram um cenário mais tranquilo para propaganda política do regime

Criado em 27 de dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) era o zelador da boa imagem de Vargas e responsável pelos desfiles cívicos, como na Semana da Pátria, além dos dias 10 de novembro, aniversário do Estado Novo, e 19 de abril (aniversário de Vargas). Também foi o responsável por controlar os meios de comunicação e produzir propaganda, censurando qualquer jornal que noticiasse algo desfavorável ao governo e privilegiando aqueles que se aliaram ao regime. Imagens e símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do pequeno cidadão. De acordo com Maria Helena Capelato (2019), nessas imagens havia um contraste entre o novo e o velho, com o velho, em referência a “Velha República”, sendo considerado negativo e maligno, enquanto o novo, em referência ao “Estado Novo”, era representado como algo positivo e do bem.

Ainda de acordo com Hosenildo Gato Alves (2009), o Estado Novo foi apresentado aos amazonenses como o único tipo de governo que poderia resolver os problemas do Brasil, além de fazer o Amazonas renascer como parte importante do país.



Através da propaganda, o regime tentava veicular uma nova definição de democracia, esse, que em sua essência seria autoritária e verdadeira, substituindo a falsa democracia liberal. A nova “democracia” brasileira, criada pelo Estado Novo, veio dar um basta nos equívocos da democracia liberal da República Velha. Vargas era representado como um salvador da pátria, um homem que não abandonaria o povo durante os momentos de dificuldade, zelando pelo bem nacional e pelo destino do Brasil. A propaganda também constrói Vargas como um homem que não sabe odiar, repleto de bondade e magnitude. O culto a figura de Vargas estava, em sua maioria, ligado à datas comemorativas do calendário republicano e estadonovista, sendo a data mais importante o aniversário de Vargas.

A propaganda estadonovista no Amazonas não apenas exaltou e elogiou o chefe da nação, muitas mensagens procuraram atribuir boas características às lideranças locais, como o presidente do Departamento Administrativo, Leopoldo Peres; o Secretário Geral do Estado, Ruy Araújo; e ao interventor do Estado, Álvaro Maia. A imprensa local tinha muita simpatia a Maia e destacava sua capacidade como governante. Essa exaltação ganhava mais destaque em datas comemorativas e, principalmente, no dia do aniversário do interventor. O governo tentou falar pelos outros, passando a ideia de que os amazonenses, em geral, amavam o interventor. Um exemplo disso foi o retorno de Maia a Manaus, depois de passar três meses no Rio de Janeiro com Vargas, discutindo sobre a situação do Amazonas. O interventor não queria qualquer tipo de manifestação durante sua chegada, mas ao chegar, o povo e autoridades do Estado promoveram uma grande recepção. Embora a sociedade tivesse um alto apreço por Maia, não se deve concluir que a recepção foi espontânea, mas sim, que setores do governo tentavam passar uma imagem de unanimidade, tentando bloquear qualquer tipo de insatisfação ou discordância para com o interventor.

A partir de 1937, o governo Vargas começa a investir, mesmo que minimamente, na economia da Amazônia e procurou inseri-la nas questões políticas do país. Para o presidente, seria necessário focar os investimentos na indústria extrativista da seringa e da castanha, bem como outros produtos que poderiam tornar a região mais abundante reserva da economia nacional (ALVES, 2009). O Estado Novo tinha como objetivo a inserção da Amazônia ao cenário nacional, com a intenção de ocupar os espaços “despovoados” do Brasil, consolidando a integridade geográfica e a economia dos lugares mais longínquos do país, assim ajudando a nação em sua plenitude. O Estado Novo traçou planos para a borracha, intensificando sua produção, melhorando



seu preparo e padronizando sua industrialização. A propaganda começou a destacar o Amazonas como um grande celeiro cheio de oportunidades e surpresas econômicas, além de destacar a precariedade deixada pelos antigos governantes e exaltar o seu renascimento político.

### **Jornais manauaras e a mudança de regime**

O *Jornal do Commercio* foi criado no dia 02 de janeiro de 1904 por Joaquim Rocha dos Santos, ex-proprietário do jornal *Commercio do Amazonas*. Com exceção dos períodos de 1910 até 1914, onde constava com 08 páginas, o periódico desde sua criação o constava com 04 páginas. A primeira página era dedicada às notícias e nas outras as notícias vinham ao lado de anúncios publicitários. Segundo Hosenildo Gato Alves (2009), o periódico, assim como outros jornais do período, buscou passar a ideia de imparcialidade, porém desde seu início ele intervém em assuntos políticos e sociais com intuito de defender o setor oligárquico que ele representa – uma elite comercial constituída principalmente por luso-brasileiros. Em outros momentos, apoiou o movimento dos trabalhadores principalmente após a decadência do o comércio da borracha.

O *Jornal do Commercio* se mostrou contrário à formação da Aliança Liberal, que lançou Getúlio Vargas como candidato a presidente da República. Durante os anos de 1930 a 1937, foram poucas as vezes que o periódico se manifestou politicamente, sendo um desses momentos quando foi promulgada a Constituição do Estado do Amazonas. O jornal ainda se manifestou em alguns momentos, favorável a Álvaro Maia. Para o periódico, esses anos, principalmente o de 1937, eram de incertezas para a democracia, que rumaria para um caminho no qual as liberdades poderiam ser usurpadas.

O jornal *A Tarde* iniciou suas atividades no dia 19 de fevereiro de 1937, na cidade de Manaus, estado do Amazonas. O vespertino conseguiu desenvolver um papel fundamental na sociedade amazonense, mesmo em um momento no qual o país estava sob censura devido ao estado de guerra. Em suas primeiras páginas o vespertino destacava seu lema, “A Tarde é do povo e viverá para o povo” e seu subtítulo “um vespertino que será sempre o arauto das aspirações populares”. Em sua primeira edição teve oito páginas, porém, de forma geral, ele era composto por quatro páginas. Em algumas edições especiais, o vespertino foi produzido com seis, oito e até com 54, como em seu primeiro aniversário. Seu noticiário falava sobre política internacional, nacional



e regional, mas também havia espaço para as queixas do povo, literatura, crônicas, fuxicos e a parte comercial.

De acordo com Davi Monteiro Abreu e Vanessa Andrade Vasconcelos (2022), em seu editorial, o jornal *A Tarde* destacou que sua luta seria contra as “ideologias estrangeiras” e a favor da ordem. A batalha que o jornal enfrentou foi essencialmente contra o comunismo, inimigo esse que, segundo os colunistas do *A Tarde*, infiltrava-se nos organismos sociais do Brasil e destruía suas bases. O anticomunismo era abordado em diversas colunas regulares do periódico, como na coluna do deputado estadual Leopoldo Carpinteiro Péres; na coluna do proprietário do jornal e seu diretor, Aristophano Antony; além de três colunas integralistas (Coluna do Sigma, Coluna Verde e Quadrilátero da 5<sup>o</sup> hora), que abordavam temas gerais, mas também falavam sobre o comunismo e faziam propaganda integralista.

Dia 23 de fevereiro de 1937, uma terça-feira, na primeira página do *Jornal do Commercio* existe uma interessante entrevista na seção “Profecias”. O periódico destaca a reportagem do vespertino carioca *A Noite*, na qual os redatores perguntaram à telepata There Deslys suas previsões sobre o que iria ocorrer durante o ano. Algumas previsões diziam respeito a novas descobertas de riquezas naturais em partes do país como petróleo e carvão mineral, porém as mais interessantes são aquelas que a telepata invocava o nome de Getúlio Vargas. Suas previsões sobre o presidente da República estavam ligadas à questão da democracia no país, na qual Vargas era visto como aquele que uniria o povo contra forças que tentariam envenenar o país e sua democracia; o outro tópico era sobre sucessão presidencial, um dos assuntos mais debatidos no cenário político e que a telepata afirmou que Vargas iria continuar no poder, sendo o único que poderia garantir a nacionalidade em momentos difíceis.

Forças secretas tentarão envenenar os brasileiros contra o regime democrático, mas o acontecimento demonstra de que fato, cuja natureza não posso esclarecer, será como que um grito de alerta, de modo que o povo formará, unanimemente, do lado do sr. Getúlio Vargas. (...) Posso mesmo dizer que o problema da sucessão será decidido pelo povo, continuando o sr. Getúlio Vargas na presidência da República, e isto, note-se bem, porque será ele, numa hora difícil, que demonstrará o tato preciso para garantir a nacionalidade, conquistando, por isso, um prestígio como nunca possuiu um chefe de governo americano (*Jornal do Commercio*, Manaus, 23 fev. 1937, p. 1).

Ao olharmos para o passado, percebemos que partes dessas profecias acabaram tornando-se realidade. A continuidade de Getúlio Vargas foi assegurada no dia 10 de novembro daquele mesmo ano, porém, ao contrário do que There Deslys profetizou,



Vargas não ria ser aquele que destruiria as forças que tentariam envenenar o regime democrático, sendo ele, na realidade, aquele que iria pôr fim a democracia no país, iniciando o período conhecido na historiografia como Estado Novo, um regime autoritário cujo líder máximo era o próprio Getúlio Vargas.

Um dos pilares que sustentou o início do novo regime foi a luta do governo contra os antigos vícios liberais das Constituições passadas. Para Vargas e seus aliados, a Constituição de 1934 possuía um caráter liberal que não refletia mais o seu tempo, sendo de um período que o próprio Vargas, em 1930, ajudou a acabar (ALVES, 2009; PANDOLFI, 2019). Para os membros do governo era necessário que a Constituição enterrasse em definitivo as antigas estruturas oligárquicas e regionalistas e que os interesses do país estivessem em primeiro lugar. Em uma entrevista para jornalistas norte-americanos a respeito do Estado Novo, o presidente de República respondeu sobre a visão da Constituição de 1937, afirmando ser ela uma Constituição de seu tempo e que a ideologia dela é simplesmente brasileira.

A Constituição promulgada a dez de novembro não é fascista, nem integralista, é brasileira, apenas correspondendo a índole do próprio estado atual e suas forças econômicas e aspirações de progresso, dentro da ordem, completamente resguardado das agitações estereis da política personalista e nacionalista, no sentido de restabelecer a proeminência da União para a solução dos problemas que interessam o país, fora e acima dos ambientes estreitos que vinham produzindo exageros regionalistas, as competições pela hegemonia dentro da federação particularismos e interesses que se sobrepujam ao interesse brasileiro (*Jornal do Commercio*, Manaus, 16 nov. 1937, p. 3).

Outra das bases de sustento do Estado Novo foi sua luta contra o comunismo. Era importante que o regime fosse legitimado como o único capaz de esmagar o perigo do comunismo (PANDOLFI, 1997). Logo, não tardou para que prisões envolvendo membros desse movimento fossem reprimidos com a ascensão do regime. Na edição de 19 de novembro de 1937, o *Jornal do Commercio* noticia, na seção de Nacionais, a prisão de vários membros comunistas que tinham se infiltrado na polícia do estado do Rio de Janeiro e que pregavam ideias de desordem e subversão. “Efetuou a polícia de segurança social a prisão de vários comunistas que, tendo sido excluídos, da armada, voltaram a atividade infiltrando-se na força policial do estado, onde pregavam ideias subversivas da ordem e das instituições” (*Jornal do Commercio*, Manaus, 19 nov. 1937, p. 3).

O combate ao comunismo já teve destaque desde antes do golpe de 10 de novembro de 1937. Durante todo o ano é possível encontrar notícias sobre combate a



movimentos comunistas por toda a nação. Em outubro, existiam boatos sobre uma tentativa de golpe comunista em Porto Alegre que nunca se concretizou. Com o passar do tempo, cada vez mais essa repressão aos comunistas vai aumentando e na fase inicial do pós-golpe, os jornais tendem a passar uma ideia de que esse problema está mais estável e que o país vive em relativa paz. Também é importante notar que nessa cruzada contra o credo vermelho, Vargas e seus aliados contaram com o apoio dos integralistas e até mesmo se utiliza deles, embora não seja um grupo a qual o presidente queria ser associado, mas que deu bastante suporte nessa luta (ABREU, 2019).

O presidente da República assistiu da sacada do Palácio Guanabara, ao lado de seus ajudantes de ordens general Newton Cavalcante e almirante Dario Paes Leme, ao soberbo desfile integralista, que marchava ao som de cânticos patrióticos e vibrantes Anauês. (...) Em todos os núcleos integralistas foi assinado uma mensagem, que será enviada ao presidente da República, protestando inteira solidariedade ao governo federal no combate sem quartel ao sanguinário credo bolchevista (*A Tarde*, Manaus, 3 nov. 1937, p. 4).

Durante todo o ano de 1937 houve grande discussão sobre a sucessão presidencial. O país vivia um clima de instabilidade política e uma das tentativas de melhorar a estabilidade do país foi tentar prorrogar os mandatos federais. Essa discussão ganhava força e vários jornais noticiavam os rumores e discussões sobre essa prorrogação. Entretanto, algum dos Estados mais poderosos da nação não gostavam da ideia de Vargas se manter no poder por mais tempo e como noticiado no início do ano, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul não iriam permitir sua reeleição, é pouco provável que essa ideia de prorrogação tenha sido levada a sério, principalmente com os eventos que iriam levar ao golpe do Estado Novo (PANDOLFI; GRYNSZPAN, 1997). No entanto, é interessante perceber que o clima para os jornais era de que as eleições de janeiro não iriam ocorrer.

Em comentários escritos a propósito do ruidoso discurso pronunciado na câmara pelo deputado Otávio Mangabeira, revelando aspectos sensacionais do panorama político brasileiro, diz "*Diário de Notícias*" que três grandes estados da Federação vetaram a pretensão do presidente Getúlio Vargas, no sentido de promover uma emenda à Constituição, com o fim de permitir sua reeleição: Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul (*Jornal do Commercio*, Manaus, 24 jan. 1937, p. 3).

É crença geral que não se realizarão as eleições de Janeiro, apesar das declarações em contrário feitas pelos maiores responsáveis pela ordem pública. O estado de guerra é disso uma prova esmagadora. Admite-se a possibilidade de continuar à frente do governo o presidente Getúlio Vargas, permanecendo constituído o congresso, pois os deputados e senadores terão seu mandato prorrogado, isto em face da gravidade do momento nacional (*A Tarde*, Manaus, 4 out. 1937, p. 1).



A sucessão presidencial se tornou algo bastante noticiado durante o ano e a imprensa tentava pressionar Vargas para falar sobre esse tema e dar apoio a algum candidato. Porém, o presidente da República, em diversos casos, não demonstrou qualquer interesse em responder sobre essa questão, sendo poucas as vezes que ele falou sobre. Essa estratégia era bastante usada pelo governo e até mesmo seus aliados utilizaram essa estratégia em respeito a Getúlio Vargas.

Diz o “*Correio de Manhã*” que até agora o sr. Getúlio Vargas não manifestou a ninguém o desejo de coordenar a sucessão, pelo contrário, tem expressado a vontade de alhear-se do assunto, assegurando que o seu papel é apenas de mantenedor da ordem e garantidor da eleição. Como, porém, alguns governadores insistissem em que, na qualidade de chefe supremo da política nacional, o presidente da República seja o controlador das forças do país, teria cedido, e então, iniciando os trabalhos, incumbira os chefes de executivo estaduais com quem vem estando em contato de organizar listas com os nomes de candidatos aceitos por todos. O processo, aliás, não é novo, sendo exatamente o mesmo posto em prática para a escolha de vários interventores, inclusive o último de São Paulo (*Jornal do Commercio*, Manaus, 30 jan. 1937).

Embora o governo tenha tentado mostrar um clima de normalidade nos meses anteriores ao 10 de novembro, inúmeros rumores sobre um golpe foram noticiados em diversos jornais. Nesses rumores, Vargas e seus aliados são creditados como possíveis autores de um futuro golpe. Essas notícias ganharam ainda mais força quando relacionadas com àquelas que acusavam Vargas de interferir na política do Rio Grande do Sul, onde estava o antigo aliado do presidente, mas que naquele momento era seu grande adversário, o governador José Antônio Flores da Cunha. Essas interferências chegaram ao ponto máximo com a proclamação da intervenção federal no Estado e a renúncia e o exílio de Flores da Cunha (PANDOLFI; GRYNSZPAN, 1997). É importante lembrar que o principal jornal que acusava Vargas de tentar interferir na política do Rio Grande do Sul é o *A Nação*, conhecido por refletir o pensamento de Flores da Cunha. Embora seja possível pensar que o jornal seja tendencioso, os movimentos de Vargas no período realmente visavam desestabilizar os seus antigos aliados para pavimentar o caminho para o golpe.

Pelo general Góes Monteiro, chefe do estado maior do exército, foi distribuída uma nota à imprensa, desmentindo categoricamente os boatos perversos que dão como organizador de um golpe político, visando implantar a ditadura no país, regime que condena formalmente no documento, por julgá-lo contrário às tendências brasileiras, terminando por afirmar sua fé na democracia, que diz estar pronto a defender com sacrifício da própria vida. (...) Em manchete, denuncia o matutino “*A Nação*” a existência de um pacto secreto entre os presidentes Getúlio Vargas, Agustin Justo e Gabriel Terra, com o propósito de estabelecer ditaduras no Brasil, Argentina e Uruguai para o que se auxiliariam reciprocamente os três países, em caso de necessidade.



Aquele diário acrescenta que a recente viagem do sr. Medeiros Netto, presidente do senado, ao Prata, teve por escopo a realização de negociações com esse objetivo. (...) “A Nação”, que reflete o pensamento do governador Flores da Cunha, acusa o presidente Getúlio Vargas de manobras visando cindir a política do Rio Grande do Sul, com propósitos inconfessáveis de desmoralizar o chefe do executivo gaúcho perante o país, procurando inutilizar, dessa forma o maior empecilho para a prorrogação de seu mandato (*Jornal do Commercio*, Manaus, 18 abr. 1937, p. 3 e 7).

Logo após o golpe, os jornais da região começaram a abraçar o governo com diversas notícias de apoio ao novo regime. As notícias passavam um clima de paz e estabilidade, mesmo com o fechamento tanto do Congresso Nacional quanto das assembleias estaduais. No âmbito estaduais, as notícias se focavam em saber quem seriam os interventores e como os governos estaduais estavam se reorganizando. Em diversas notícias, Getúlio Vargas e seus aliados são exaltados como heróis. Vargas constantemente dava entrevistas a jornais com o objetivo de explicar como seria o Estado Novo e a nova Constituição, além das reformas que esses iriam trazer para a sociedade brasileira.

Informam os jornais, segundo a reportagem colheu no ministério da Justiça, reinar absoluta calma em todo país, pois de todos os Estados os respectivos governadores e interventores federais comunicaram ao titular da Justiça, sr. Francisco Campos, ter o povo recebido com vivo entusiasmo a notícia da promulgação da nova Constituição. (...) Os diários desta capital elogiam o presidente Getúlio Vargas, dizendo que para ele convergem, neste momento, todas as esperanças do povo brasileiro. Adiantam, também, que seu discurso foi uma peça inteiriça de grande valor, pois nele estão consubstanciadas as intenções do governo, que há de conduzir o país para os seus elevados destinos (*A Tarde*. Manaus, 12 nov. 1937, p. 1).

É interessante notar que dias após o golpe ocorrer, o *Jornal do Commercio*, em sua edição de 21 de novembro de 1937, resolveu falar sobre a profecia de There Desbys e sua previsão dada em fevereiro. Com o título de “Profecias que se confirmam”, o jornal relembra essa profecia passando um clima de apoio e até mesmo um ar de destino para os eventos que ocorreram em 10 de novembro. Podemos notar que, seja por apoio ou por incertezas, grandes periódicos amazonenses como o *A Tarde* e o *Jornal do Commercio* apoiavam o novo regime. Possivelmente com medo de represálias futuras, já que mesmo Getúlio Vargas querendo passar um clima de calma e estabilidade, o regime foi montado com base na desarticulação de antigos aliados e na destruição da democracia do país (ALVES, 2009).

**Álvaro Maia e o início do estado novo**



Durante a maior parte da década de 1930, o Estado do Amazonas foi comandado pela figura de Álvaro Botelho Maia, um líder bastante carismático para o povo amazonense, que possuía bastante prestígio com as classes populares e era muito bem-visto pela imprensa. Maia tornou-se um aliado de valor para Getúlio Vargas e era bem-visto pelo presidente da República (SANTOS, 1990). O prestígio de Álvaro Maia na sociedade amazonense é perceptível quando analisamos diversas edições do jornal *A Tarde*, que em diversas matérias exalta a figura do governador mesmo antes do golpe de 10 de novembro.

O governador Álvaro Maia sempre inclinado a elevar o nome do Estado que lhe serviu de berço e que dignifica com sua honradez e sua cultura, devia auxiliar o acadêmico vitorioso no concurso de oratória, realizando na Faculdade de Direito, afim de que o mesmo possa viajar em condições mais favoráveis, como se faz necessário a todos que tenham de representar o Amazonas. Se costumamos ter, para com outros, atenções especiais, justo, justíssimo mesmo, que aqueles que nos são mais caros e que aqui nasceram ou que aqui se encontram radicados, mereçam um pouco de atenção e de deferência por parte dos poderes públicos (*A Tarde*, Manaus, 25 out. 1937, p. 1).

Ao analisar os periódicos amazonenses, é notável que Álvaro Maia era extremamente leal e comprometido com a causa varguista. Alguns casos são emblemáticos como a falta de interesse e silêncio de Maia sobre a sucessão presidencial, sendo essa a mesma estratégia de Vargas quando questionado sobre esse assunto. Outro evento interessante que confirma a fidelidade de Maia à Vargas foi quando, alguns dias antes do golpe de 10 de novembro de 1937, o governador e seu irmão se desligaram do Clube de 3 de Outubro do Amazonas, devido a atitude de João de Paula Gonçalves de votar contra a celebração do aniversário de governo de Getúlio Vargas. Nesse último caso, é importante pensar que Álvaro Maia já estava ciente sobre o golpe que iria ocorrer, então é possível supor que esse ato foi uma confirmação de sua lealdade antes do golpe para que sua continuidade fosse assegurada.

Falando, hoje, sobre o discurso do governador Álvaro Maia, pela Retransmissora Ajuricaba, diz um observador político: - O chefe do executivo, mais uma vez, demonstrou ser político a maneira getuliana – não manifestou preferências pelos candidatos à presidência da República. Soprou a pena e sorriu, mais uma vez (*A Tarde*, Manaus, 6 set. 1937, p. 4).

Podemos afirmar, sem receio de contestação, que o governador Álvaro Maia e o prefeito da capital, dr. Antônio Maia solicitaram, em data de ontem, sua eliminação do quadro social do Clube 3 de Outubro do Amazonas, diante da atitude tomada pelo sr. João de Paula Gonçalves, na Assembleia Legislativa, votando contra o requerimento de congratulações com o presidente Getúlio Vargas, pelo transcurso de mais um aniversário de seu governo (*A Tarde*, Manaus, 10 nov. 1937, p. 4).



Juntamente com as notícias sobre o golpe de 10 de novembro é lançada uma nota de apoio de Álvaro Maia tanto a Vargas quanto aos militares pelos eventos que levaram ao fim da democracia no país. Nessa nota, Maia expressa solidariedade ao presidente da República e descreve o golpe como uma solução patriótica e elevada para a instabilidade política do país.

Tenho honra de comunicar que o estado Amazonas, por seu governo e seu povo hipoteca integral solidariedade a vossa excelência e as gloriosas classes armadas pela solução patriótica e elevada, que proporciona ao país medidas enérgicas de salvação pública, necessárias realizações seus grandes destinos e acordo momento e aspirações nacionais. Saudações cordiais Álvaro Maia (*A Tarde*, Manaus, 11 nov. 1937, p. 1).

Com a reestruturação da nação após o golpe, os jornais esperavam saber se Álvaro Maia continuaria à frente do governo do Estado. Essa dúvida corria pela cidade com rumores que afirmavam que, caso Álvaro Maia não fosse confirmado como interventor do Estado, o mesmo partiria para o Rio de Janeiro onde continuaria com suas atividades pedagógicas. No período anterior a sua confirmação como interventor, o prestígio de Maia se fez evidente, pois os jornais aclamavam sua figura e governo, com destaque, novamente, para o jornal *A Tarde* que colocou, na edição de 24 de novembro, Maia como o líder que o povo amazonense desejava para o cargo, dando destaque a essa afirmação em sua primeira página. Nessa mesma edição, o periódico afirma que Maia continuaria no governo como líder do Estado.

Na cidade está correndo a versão de que, no caso de não ser confirmado no governo do Estado, o dr. Álvaro Maia partirá para o Rio de Janeiro, no mesmo vapor em que viajar o dr. Antovilla Vieira, pretendendo continuar suas atividades pedagógicas na capital da República. Em caso contrário, porém, os dois não partirão, já se vê (*A Tarde*, Manaus, 16 nov. 1937, p. 4).

Não resta dúvida quanto a permanência do sr. Álvaro Maia no Governo do Amazonas. Carta chegada pelo último avião, de pessoa autorizada, trouxe essa certeza. (...) Falando a um médico amazonense que se encontra na capital da República, o coronel Cordeiro de Faria, chefe do gabinete do general Góes Monteiro, afirmou aquele clínico que o dr. Álvaro Maia seria confirmado no governo do Amazonas (*A Tarde*, Manaus, 24 nov. 1937, p. 4).

Como o próprio jornal *A Tarde* noticiou, na edição do dia 11 de novembro, Álvaro Maia tinha conhecimento dos movimentos que levariam ao golpe de 10 de novembro, já que foi notificado por Negrão de Lima, um dos mais proeminentes aliados de Vargas, quando esse veio a Manaus. A publicação ainda diz que o chefe do executivo amazonense abraçou e apoiou a movimentação de maneira estoica e manteve segredo absoluto sobre o caso. Mesmo com os jornais cientes de que o governador soubesse do golpe devido essa reunião, eles não sabiam que ele continuaria no governo do Estado. É



possível que Maia não tenha confirmado sua permanência de imediato para verificar a reação da imprensa e da população sobre o novo regime e como esse funcionaria.

Conforme soubemos, ontem, o governador Álvaro Maia tinha pleno conhecimento do movimento que se projetava, visto ter sido esse o escopo da viagem do sr. Negrão de Lima a esta capital, movimento que o chefe do executivo incontinentemente abraçou e apoiou e, com verdadeiro estoicismo, guardou absoluta reserva (*A Tarde*, Manaus, 11 nov. 1937, p. 4).

No dia 25 de novembro, o jornal *A Tarde* noticiou a continuidade de Álvaro Maia no governo do Estado do Amazonas, agora com interventor do Estado. Logo no título da matéria o jornal fala que o povo reagiu com exaltação ao saber dessa notícia. Também foi anunciado que o secretariado de Maia iria pedir, coletivamente, sua demissão com o objetivo de facilitar a composição de um novo corpo de auxiliares pelo interventor. Eventos confirmados em sua posse, quando o secretário geral, Marcionillo Lessa, apresentou o pedido de demissão dos auxiliares da confiança do governo. Na mesma edição de sua posse, Maia é destacado como defensor do funcionalismo público. “Fomos informados de que, logo receba o dr. Álvaro Maia a confirmação oficial, o atual secretariado pedirá, coletivamente, sua demissão, afim de facilitar ao interventor, a composição de seu novo corpo de auxiliares” (*A Tarde*, Manaus, 25 nov. 1937, p. 1).

As 17 horas de ontem, no Palácio Rio Negro, tomou posse do cargo de interventor federal, no Amazonas, o dr. Álvaro Botelho Maia, por força do decreto do presidente da República, nomeando para seus delegados, em todos os Estados, exceto o de Minas Gerais, os governadores que não haviam sido confirmados nos seus postos. (...) Apesar de ser por todos esperada essa nomeação, não deixava, porém, de alegrar ao funcionalismo público que via no honrado chefe do Estado, um esforçado defensor de seus interesses (*A Tarde*, Manaus, 26 nov. 1937, p. 1 e 4).

A reputação e influência de Álvaro Maia na sociedade amazonense, assim como sua forte credibilidade e lealdade à figura de Getúlio Vargas fez com que o nome do governador fosse o favorito para ocupar o cargo de interventor do Estado. É interessante notar que, diferente do caso do governador Flores da Cunha, que utilizou de sua influência para rivalizar com Vargas e por isso teve que ser posto em ostracismo, Álvaro Maia usou de sua influência para consolidar o regime no Amazonas e permitir que sua visão política, que era muito parecida com a de Vargas, fosse posta em prática. Com os novos poderes que ganhou, Maia estaria livre para seguir uma política assistencialista que iria se misturar com o controle do orçamento do Estado.

### **O Estado do Amazonas e o novo regime**



Como dito anteriormente, após o golpe de 10 de novembro os jornais do Amazonas passaram a apoiar o Estado Novo e demonstrar que o regime, supostamente, consolidou a paz e a estabilidade por todo o país. Embora alguns desses periódicos tenham criticado o governo Getúlio Vargas no período anterior ao golpe, após o anúncio da nova Constituição e do novo regime, esses jornais vieram em defesa e apoio ao governo, principalmente com o objetivo de evitar represálias. Ainda assim, mesmo com o esforço de mostrar essa suposta estabilidade que o país passava a desfrutar, as notícias de demissões de secretariados e de fechamento das assembleias estaduais não foram completamente escondidas.

Na edição de 12 de novembro de 1937, o jornal *A Tarde* destacou o fechamento da Assembleia Legislativa do Amazonas e o impedimento das forças oposicionistas de entrarem no local. O empenho de Álvaro Maia em não permitir que a oposição entrasse no prédio era tamanho que a Assembleia estava sendo vigiado pela força policial do Estado e as chaves para abrir o prédio estavam nas mãos do próprio Maia.

Estamos informados que os deputados oposicionistas pretendiam reunir na Assembleia Legislativa. Ciente do fato, o governador Álvaro Maia determinou que o edifício fosse fechado, o que foi feito, imediatamente, ficando o chefe do executivo de posse das chaves. (...) Referiu-nos, hoje, pela manhã, um repórter anônimo desta seção, que o edifício em que funcionava a Assembleia Legislativa está sendo vigiado por soldados da Força Policial do Estado, diante da tentativa dos deputados oposicionistas, que nele queriam reunir (*A Tarde*, Manaus, 12 nov. 1937, p. 4).

Logo após o golpe, o governo do Estado do Amazonas passou por uma grande reformulação. Como já dito, o secretariado utilizado por Maia pediu coletivamente sua demissão durante a sua posse como interventor do Estado, mas antes desse evento foi noticiado pelo *A Tarde* que, caso Maia fosse confirmado como interventor do Estado, um novo secretariado seria feito com o apoio de ex-deputados que o periódico descreve como reacionários. Ao analisar os periódicos, é de se imaginar que, inicialmente, Álvaro Maia tivesse como objetivo a consolidação do Estado Novo no Amazonas e para isso era necessário que as elites políticas contrárias ao regime fossem substituídas por pessoas leais ao governo.

Afirma-se que o governador Álvaro Maia, desde que se confirme, sua permanência no poder, organizará novo secretariado, do qual possivelmente farão parte alguns ex-deputados reacionários, falando-se nos nomes dos srs. Antovilla Vieira, Moacyr Dantas e João Nogueira da Maia (*A Tarde*, Manaus, 12 nov. 1937, p. 4).

As últimas versões giram ainda em torno do secretariado do interventor Álvaro Maia, pois diz-se que continuam sendo objeto de estudo para aproveitamento, os nomes dos srs. Moacyr Dantas, Ruy Barreto e João



Nogueira da Matta, não sendo de estranhar que se restaure a vara privativa do crime, a qual será provida por um velho notário (*A Tarde*, Manaus, 30 nov. 1937, p. 4).

Com seus novos poderes políticos, Maia preparou o caminho para mudanças mais profundas do que apenas o seu secretariado. Agora era ele quem poderia escolher os prefeitos do Estado e ainda no mês de novembro foi noticiado que o interventor iria fazer uma série de mudanças nas prefeituras, com alguns prefeitos que se manteriam em seus cargos, mas outros seriam substituídos. O jornal *A Tarde* também noticiou, em sua edição de 30 de novembro de 1937, que o interventor do Estado pensava em dispensar vários funcionários públicos com o objetivo de controlar o orçamento do Estado. Além disso, é noticiado que o prefeito de Manaus e irmão de Álvaro Maia, Antonio Maia, pretendia promover servidores antigos para cargos vagos que foram abertos com a aposentadoria compulsória de vários funcionários municipais. “Estamos informados de que, logo que seja efetivado no cargo, o governador Álvaro Maia fará a nomeação de diversos prefeitos do interior do Estado. Alguns dos atuais, continuarão, mas, outros, serão afastados” (*A Tarde*, Manaus, 17 nov. 1937, p. 4).

Estamos informados de que é pensamento do interventor Álvaro Maia dispensar, das diversas repartições públicas do Estado, os empregados que nas mesmas se encontram encostados, atendendo à situação financeira que o Amazonas atravessa, com a exigência de suas rendas. (...) Informações trazidas à nossa redação, dizem que o prefeito Antonio Maia, com a aposentadoria dos funcionários municipais atingidos pela compulsória, pretende promover aos postos vagos, os serventes mais antigos, dando assim, uma prova de justiça, sem demonstrar preferencias pessoais (*A Tarde*, Manaus, 30 nov. 1937, p. 4).

Na edição de 16 de novembro de 1937, o jornal *A Tarde* deu destaque em sua primeira página à notícia de que Getúlio Vargas pretendia pagar sua promessa e vir ao Amazonas. O detalhe é que notícia não possui informações sobre um planejamento e facilmente poderia ser citada em páginas com menos destaques apenas como um pequeno texto. Esse mesmo destaque não é visto em uma edição posterior que fala sobre uma possível viagem de Álvaro Maia ao Rio de Janeiro, que é posta na seção de “Fatos e Palpites” com um pequeno texto sem grandes explicações, com apenas um texto que afirma que a viagem vai ocorrer em fevereiro do ano seguinte e que a reunião iria tratar sobre assuntos do Estado. Esse destaque, possivelmente, está relacionado ao crescente apoio de Vargas entre a população amazonense, seja nas classes populares ou nas elites, que havia se sentido abandonada no período da República Oligárquica e encontrava na figura de Vargas a chance de ligar o Amazonas nas grandes questões políticas e



econômicas do país. “Ao sr. Carvalho Leal, do Amazonas, o presidente disse pretender ir pagar, dentro em breve, a promessa de visitar esse Estado, promessa feita quando da viagem empreendida ao norte do país” (*A Tarde*, Manaus, 16 nov. 1937, p. 1). “Fala-se que o interventor Álvaro Maia pretende ir ao Rio de Janeiro em Fevereiro do ano próximo, afim de tratar de assuntos relacionados com a situação do Estado. Essa a informação que nos deu, ontem, um amigo de sua excelência” (*A Tarde*, Manaus, 30 nov. 1937, p. 4).

Após o golpe de 10 de novembro, o novo regime buscou estabelecer-se e, diversos setores do Estado do Amazonas procurando cada vez mais se consolidar internamente. Para isso, Álvaro Maia substituiu diversos membros antigos que faziam parte do governo do Estado e buscou colocar nessas vagas pessoas de confiança para o regime. Todas essas substituições foram feitas com o auxílio de seus novos poderes políticos como interventor do Estado e cada vez mais antigas figuras de oposição ao regime perdiam espaço e participação na vida política que se moldava às necessidades do Estado Novo. Enquanto essas substituições ocorriam, os jornais do período buscavam exaltar a nova ordem como responsável por um novo período de paz, estabilidade e prosperidade do país. Mesmo que essa nova ordem tenha sido feita com o fim, de fato, do regime democrático que foi suplantado por um regime autoritário que não tardou em silenciar seus adversários políticos.

### **Classes populares manauaras e o regime do Estado Novo**

Os jornais analisados nesse trabalho tinham grandes ligações com as elites manauaras, e no período, a questão trabalhista não era notificada com destaque pelos periódicos. Mesmo assim foi possível coletar diversas notícias sobre trabalhadores no ano de 1937. Nessas notícias é possível entender como esses jornais observavam a questão trabalhista como algo secundário, o que é perceptível pela falta de notícias ligadas aos trabalhadores locais. Em sua maior parte, as notícias ligadas às questões trabalhistas envolviam a utilização dessa classe para promoção de lideranças políticas. Isso fica claro na edição de 22 de agosto de 1937 do *Jornal do Commercio*, que destaca na primeira página a criação de um comitê do proletário do Amazonas pró José Américo que tinha como objetivo apoiar a campanha do candidato.

Durante os primeiros anos do Estado Novo, o governo tinha massivo apoio das elites estaduais e das forças armadas do país, sendo as bases que sustentaram o poder de Getúlio Vargas e do regime. Isso não significa que o governo não se preocupou em ser



bem-vistos pelas classes trabalhadoras. Getúlio Vargas seguiu uma política assistencialista na questão dos trabalhadores e procurava mostrar que seu novo regime iria conseguir acabar com a ideia de luta de classes, uma vez que agora o governo iria ser o mediador desse conflito. Desde antes do golpe, já era uma questão fundamental para Vargas manter uma boa imagem com os trabalhadores e conseguir apoio e prestígio com essas classes.

Getúlio Vargas era visto por partes das classes operárias como um aliado, pois desde o momento que assumiu o poder, após os eventos golpe de 1930, fez da questão trabalhista como uma de suas principais lutas políticas. Desde esse período, era fundamental que o Estado e Vargas fossem vistos como aliados dos trabalhadores, que durante o período da República Oligárquica se sentiam abandonados pelo poder central. Já no ano de 1937, o prestígio e respeito que os trabalhadores tinham com Getúlio Vargas era tamanho que em uma edição do *Jornal do Commercio* foi destacado a atitude que onze sindicatos amazonenses tiveram sobre a sucessão presidencial. Nessa notícia os líderes sindicais expressavam seu apoio a Vargas e diziam não ter delegado poder a nenhum representante do Estado na Assembleia Legislativa de representá-los, principalmente para negar um voto de apoio e solidariedade a Getúlio Vargas.

As classes trabalhistas locais, pela maioria de seus elementos abaixo assinados, levam ao conhecimento de V.S., e, ao mesmo tempo, solicitam, também seja, com a possível urgência, levado ao conhecimento dos Excelentíssimos Srs. Drs. Getúlio Vargas e Agamenon de Magalhães, respectivamente, presidente da República e Ministro do Trabalho, Indústria e Comercio, o seu sentir e pensar, no caso da sucessão presidencial, expressos nas palavras seguintes: (...) Que não delegaram poderes a quem quer que seja para, por elas, falar na Assembleia Legislativa do Estado ou em outra qualquer parte, representando-as, em assuntos políticos, assim como, não foram ouvidas nem consultadas pelos seus representantes classistas que, como mandatários, agiram discricionariamente, sem audiência dos mandatos, assinando manifestos político-partidários, com a agravante de exorbitando, negarem, ostensivamente, em voto de apoio e solidariedade ao benemérito e benfeitor Presidente Getúlio Vargas, em cuja administração foi o operário nacional beneficiado com prerrogativas jamais desfrutadas, pois, antes da revolução de 30, o proletário e empregados em geral apodreciam ao abandono, sem uma legislação protetora e sem instituições de assistência e beneficência a si e aos seus. (...) O trabalhador do Amazonas não é ingrato e nem injusto: por isso, está firme e coeso, ao lado do Excelentíssimo Sr. Dr. Getúlio Vargas, muito ilustre e digno Presidente da República (*Jornal do Commercio*. Manaus, 29 maio de 1937, p. 1).

O apoio de alguns setores sindicais a Vargas era tão grande que um dia após o presidente discursar sobre a necessidade de novas articulações e medidas de combate ao comunismo, alguns sindicatos se solidarizaram nessa campanha de repressão ao comunismo. É notável que o governo de Vargas tinha interesse em vincular suas lutas às



causas dos trabalhadores. Para o governo era importante ter uma boa relação com os trabalhadores principalmente para sustentar a ideia de que Vargas seria destinado a acalmar a polarização política que o país enfrentava.

A reunião do ministério, no Catete, sob a presidência do sr. Getúlio Vargas, durou duas e meia horas, sabendo-se que foi tratada a necessidade de articulação de novas e eficientes medidas destinadas a intensificar a ação de combate às ideologias vermelhas (*Jornal do Commercio*, Manaus, 17 out. 1937, p. 3).

Assinalando que a maioria de sindicatos, de operários já se solidarizou, espontaneamente, com o ministro da justiça, na campanha de repressão ao comunismo, o “Correio da Manhã” relembra, a propósito, a singularidade do movimento vermelho de novembro de mil novecentos e trinta e cinco, que não foi apoiado por nenhum elemento das classes salarizadas, que nos outros países fornecem o maior contingente de adeptos do credo soviético: a totalidade dos acusados pertencia as classes desafogadas, recebia vencimentos e remunerações do tesouro nacional, que foi uma espécie de caixa negra do Komintern. Acrescenta aquele diário que os comunistas no Brasil são geralmente pessoas investidas de funções públicas, do que decorre o contrassenso de virem os perigos ao regime justamente dos que tinham o dever de defendê-lo (*Jornal do Commercio*, Manaus, 19 out. 1937, p. 3).

Alguns dias após o golpe do Estado Novo, diversos sindicatos amazonenses mostraram solidariedade e apoio ao novo regime. Esses sindicatos se dirigiam a figuras próximas de Vargas, como o governador Álvaro Maia, para demonstrar sua adesão à nova fase do país. Nessas mensagens de solidariedade é notório a popularidade de Getúlio Vargas com diversos líderes de sindicatos amazonenses que tinham em sua figura um aliado que conseguiria assegurar suas reivindicações. Além dos sindicatos, o novo regime ainda recebeu apoio de vários servidores públicos municipais, que enviaram ao governador Álvaro Maia uma mensagem de apoio ao seu governo tanto quanto a Getúlio Vargas.

Excelentíssimo senhor doutor. Álvaro Maia, m. d. governador do Estado do Amazonas – Respeitosas saudações – O Sindicato de Talhadores e Magarefes do Amazonas, representado pelo seu presidente e em nome de sua comissão executiva, vem, perante vossa excelência prestar irrestrita solidariedade não só ao seu benemérito governo bem como ao eminente brasileiro dr. Getúlio Vargas, benemérito presidente da república, pela promulgação da nova Constituição da república, pela nova fase por que acaba de passar o Brasil. Por este motivo, queira vossa excelência contar com o apoio incondicional do nosso sindicato, estendendo-se este ao eminente presidente da república doutor Getúlio Vargas. Respeitosas saudações. (a) Constantino Ferreira Campos, presidente da comissão executiva do Sindicato de Talhadores e Magarefes. (...) Mais ou menos duzentos funcionários municipais deram uma demonstração ao governador do estado, hipotecando-lhe integral apoio e solidariedade, nem como ao presidente Getúlio Vargas pelo advento do novo regime (*Jornal do Commercio*, Manaus, 16 nov. 1937, p. 1).



Além de Getúlio Vargas, seus aliados também possuíam bastante carisma com as classes trabalhadoras. Como falado anteriormente, Álvaro Maia possuía prestígio tanto das elites manauaras quanto dos trabalhadores do Estado. Sua ligação com Vargas fortaleceu sua imagem entre os trabalhadores e em várias das mensagens de solidariedade a Vargas eram entregues ao governador e diversas delas faziam referência a sua pessoa. Uma das figuras ligadas ao chefe da nação que mais recebeu apoio dos trabalhadores foi o ministro do trabalho e futuro interventor Agamenon de Magalhães. Agamenon de Magalhães tinha tanto respeito com os trabalhadores do país que ao partir do Rio de Janeiro para Pernambuco, onde iria assumir o papel de interventor, uma expressiva manifestação de apoio a seu novo cargo foi planejada pelas classes trabalhadoras.

O governador do estado recebeu radio de congratulações e solidariedade pelo advento do novo regime, transmitido pelos senhores Frederico Camara e Edgard Diniz, bem como do senhor Francisco Gomes da Silva, presidente interino do Sindicato Beneficente dos Estivadores Deus e Mar (*Jornal do Commercio*, Manaus, 19 nov. 1937, p. 1).

As classes trabalhadoras preparam expressiva manifestação ao senhor Agamenon de Magalhães, ex-ministro do trabalho, no dia de sua partida para Recife, onde vai assumir as funções de interventor federal em Pernambuco em substituição ao general Amaro de Azambuja Villanova (*Jornal do Commercio*, Manaus, 28 nov. 1937, p. 3).

Mesmo que o Estado Novo tenha sido construído com o apoio de diversas elites estaduais e das forças armadas, era fundamental para Getúlio Vargas que o novo regime fosse visto como um aliado das classes trabalhadoras. Durante seu governo foram feitas diversas políticas assistencialistas que tinham não apenas o objetivo de melhorar a vida dos trabalhadores, mas também aumentar o prestígio de Vargas com essas classes. Os aliados do presidente da República também desfrutavam de grande prestígio com trabalhadores do ramo privado e público. O prestígio de Getúlio Vargas e seus aliados com os trabalhadores é notório após o golpe do Estado Novo, que recebeu apoio de vários setores sindicais do Estado que tinham a figura de Vargas como a de um benfeitor e se solidarizaram com o novo regime.

### **Considerações finais**

Os periódicos manauaras, o *Jornal do Commercio* e *A Tarde*, receberam o golpe do Estado Novo de maneira positiva. É possível perceber que, durante o mês do golpe, esses periódicos prestavam apoio e exaltação ao novo regime e esperavam saber como essa nova fase iria funcionar. Nos jornais, o clima do pós-golpe era de otimismo e



tranquilidade, com diversas notícias sobre o novo governo de Álvaro Maia, que deixou de ser governador do Estado e se tornou interventor do Estado do Amazonas, função que deu a Maia novos poderes que o auxiliaram a consolidar suas políticas assistencialistas. As notícias também destacavam o apoio que a classe trabalhadora deu ao golpe, com diversos sindicatos do Estado que se dirigiam ao interventor para apresentar sua solidariedade ao novo regime e a Getúlio Vargas.

É importante lembrar que o apoio que esses jornais eram motivados muitas vezes por medo de represálias do governo. Hosenildo Gato Alves (2009) afirma que em casos como o do *Jornal do Commercio*, que chegou ao ponto que caracterizou o regime como algo profetizado, essa exaltação era momentânea e foi sendo substituída por um silêncio quanto ao novo governo. Hosenildo também explica que futuramente o *Jornal do Commercio* iria buscar criticar o governo de maneira velada para evitar a censura e penalidades para o periódico. Uma coisa importante de notar é que o carinho que parte da imprensa manauara possuía por Álvaro Maia é bastante genuíno e desde antes do golpe o interventor era querido pelos periódicos manauaras que buscavam destacar sua característica de excelente governante.

Os jornais ainda destacam que a reação de diversas lideranças sindicais e de funcionários públicos ao golpe é de apoio e solidariedade ao regime do Estado Novo e sua constituição. É importante lembrar que mesmo que o golpe tenha sido apoiado por elites políticas estaduais e pelas forças armadas, o apoio dos trabalhadores era fundamental para Vargas e seus aliados, pois buscavam acabar com o perigo de qualquer associação dos trabalhadores com o movimento comunista. Embora Getúlio Vargas seja lembrado no imaginário popular como o “pai dos pobres” e, talvez, o maior aliado da classe, no início do Estado Novo o apoio deles era de menor importância se comparado ao das elites locais e das forças armadas do país.

Mesmo que momentâneo, a reação da imprensa manauara ao golpe do Estado Novo foi de apoio a nova constituição e ao novo regime. É de se imaginar que devido à instabilidade que o país vivia e os riscos de se opor ao golpe logo no início fez com que os jornais tivessem dado apoio ao novo governo para não sofrer qualquer represália. Durante todo mês de novembro, é possível notar que, além de noticiar sobre as mudanças que o novo regime trouxe, os periódicos destacavam que o país finalmente entrou em um momento de calma. Álvaro Maia foi destacado como um grande líder e a confirmação que o governador iria se tornar interventor do Estado do Amazonas foi vista de maneira positiva pelos jornais manauaras. Os trabalhadores, representados por



diversos líderes sindicais, e funcionários públicos também receberam o golpe de maneira positiva e enviavam tanto a Álvaro Maia quanto a Getúlio Vargas seu apoio perante o Estado Novo. Assim a imprensa manauara trabalhou junto ao regime nesse mês inicial, mesmo que sobre medo de punição.

**Data de Submissão:** 11/09/2022

**Data de Aceite:** 24/10/2022

### Referências

ABREU, Davi Monteiro. **Uma “pretensa intentona”**: ANL, AIB e a cultura política anticomunista no estado do Amazonas (1935-1937)”. 2019. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

ABREU, Davi Monteiro; VASCONCELOS, Vanessa Andrade. O jornal A Tarde: um vespertino que será sempre o arauto das aspirações populares (1937). *In*: BARROS, Wanderlene de Freitas Souza; MOURA, Anderson Vieira (org.). **Entre o autoritarismo e a modernização**: Vargas e a Amazônia. Curitiba: CRV, 2022, p. 31-51.

ALVES, Hosenildo. **Imprensa e poder**: a propaganda varguista na imprensa amazonense (1937-1945). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? *In*: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacionalestadismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 113-153.

GOMES, Angela de Castro. Estado Novo: debatendo nacionalismo, autoritarismo e populismo. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacionalestadismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 191-223.

PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYNSZPAN, Mario. Da Revolução de 30 ao Golpe de 37: A Depuração das Elites. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 5, n. 9, p. 7-23, 1997.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacionalestadismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 14-38.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. 2ª ed. Manaus: SUFRAMA/Gráfica Lorena, 1990.

### Fontes

*A Tarde*. Manaus, 6 set. 1937, p. 4

*A Tarde*. Manaus, 4 out. 1937, p. 1

*A Tarde*. Manaus, 25 out. 1937, p. 1

*A Tarde*. Manaus, 3 nov. 1937, p. 4



- A Tarde*. Manaus, 10 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 11 nov. 1937, p. 1  
*A Tarde*. Manaus, 11 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 12 nov. 1937, p. 1  
*A Tarde*. Manaus, 12 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 16 nov. 1937, p. 1  
*A Tarde*. Manaus, 16 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 17 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 24 nov. 1937, p. 4  
*A Tarde*. Manaus, 25 nov. 1937, p. 1  
*A Tarde*. Manaus, 26 nov. 1937, p. 1 e 4  
*A Tarde*. Manaus, 30 nov. 1937, p. 4  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 24 jan. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 30 jan. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 23 fev. 1937, p. 1  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 18 abr. 1937, p. 3 e 7  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 29 maio de 1937, p. 1  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 17 out. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 19 out. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 16 nov. 1937, p. 1  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 16 nov. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 19 nov. 1937, p. 1  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 19 nov. 1937, p. 3  
*Jornal do Commercio*. Manaus, 28 nov. 1937, p. 3